

## **5º Domingo depois da Epifania**

### **1ª leitura (Antigo Testamento) - 2 Reis 4: (8-17)18-21,(22-31)32-37.**

O texto para esse domingo se encontra no "Ciclo de Elias-Eliseu" (1 Rs 17 - 2 Rs 9). A atuação de Elias e Eliseu se dá no Reino de Israel (norte). A reação de Elias e Eliseu contra a monarquia foi motivada principalmente pela quebra do direito popular à herança quando o Rei Acabe e sua esposa Jezabel mandaram assassinar e usurparam a vinha do agricultor Nabote (1 Rs 21). As tribos viam a terra de Israel como uma herança dada por Deus ao seu povo (Êx 32:13 e Dt 9:26).

As mulheres têm um papel simbólico especial na profecia de Elias e Eliseu. A ação profética junto as viúvas pobres representam a solidariedade de Deus para com os fracos (conforme 1 Coríntios 9:22 e Mc 1: 29-34) que vivem morrendo doentes, sem terra ou no meio duma terra devastada (Elias 1 Rs 17: 8-24 e Eliseu 2 Rs 4:1-4). A sunamita, diferentemente das viúvas, representa as classes camponesas mais abastadas de Israel que ainda não tinham sido atingidas pelo empobrecimento promovido pelos monarcas. Primeiro ela se apresenta rica, porém infeliz buscando um sentido para sua vida (2 Rs 4:1e14). A felicidade dessa mulher não poderia vir do rei ou do chefe do exército (4:13<sup>a</sup>), pois ela não quer privilégios dizendo: "Habitó no meio do meu povo" (4:13b). A resposta indica que a Sunamita, mesmo sendo rica, pertence ao mesmo povo empobrecido para o qual nem o rei nem o exército podem oferecer felicidade. Enfim, pela intervenção do Deus Libertador, ela consegue ser feliz, encontrando um sentido para sua vida, tendo um filho.

Na segunda parte o filho morre (2 Rs 4:18-21). O que leva a criança à morte acontece na colheita transformando um momento que devia ser de festa e de alegria em luto. Assim simbolicamente o texto está dizendo: De que adianta colher o fruto da terra se os nossos filhos morrem? O profeta Eliseu ressuscita a criança (2 Rs 4:34-37) assim como antes fez Elias (1 Rs 17:21-22). O SENHOR mostra através da ação de Eliseu, assim como Elias, que só o Deus da Vida pode garantir a vida do povo e não um sistema assassino e usurpador que torna alguns ricos, mas não pode oferecer felicidade e vida para todos. Essa história simbólica da sunamita não termina aqui, mas continuará em 2 Rs 8:1-6 quando a mulher também perde sua herança por causa da fome e a lembrança do profeta faz com que o rei lhe restitua os seus bens. (HMG)

### **2ª leitura (Epístola) – 1 Coríntios 9.16-23**

O capítulo 9 é um tipo de exemplificação da liberdade de que se tratou nos capítulos anteriores aplicada ao apostolado paulino.

Vs. 16ss. - O anúncio do Evangelho para Paulo é uma necessidade ou obrigação. Isso está contrastado com livre iniciativa. É alguma coisa que soa estranha aos nossos ouvidos. Essa necessidade ou obrigação que o pressiona está dentro de um encadeamento de seu chamado ao apostolado. "Por isso ai de mim... fui conquistado por Cristo,(Fp 3.12), desempenho um cargo, a função de despenseiro que me foi confiada, (ver 4.1ss). Essa visão do ministério ressoa a vocação de Jeremias, (Jr 1.4-10; 20.7; Gl 1.15). Essa

dependência do que Deus que Deus fez em Cristo dá ao apóstolo a liberdade (*exousia* que significa liberdade, direito, autoridade, capacidade, ver 8.9; 9.4-6,12,18) de receber ou não o sustento, o direito sobre o qual os versos anteriores consideraram e argumentou em favor do sustento do ministério. Não se trata de direitos humanos. "Ai de mim se não pregar o Evangelho" está contrastado com a iniciativa própria dentro do encadeamento contratual de trabalho. Ele é ecônomo de Cristo ressuscitado. Em função disso, ele exerce a sua liberdade. Da Igreja de Filipo ele recebeu o apoio com alegria. De Corinto não o quis receber. Alguma coisa sobre o Evangelho e o apostolado estava em jogo, (ver 9.1ss.). Consta que o sistema de patronato e clientela dependente era bastante desenvolvido no Império e, em particular, em Corinto, centro comercial e financeiro da época. Os "fortes" ostentavam o apoio e desprezavam o trabalho manual. Em favor dos "fracos, Paulo exerce a liberdade de não receber tal apoio. Em outras palavras, ele não fez dessa opção um princípio "dogmático". Diga-se de passagem, os patronos faziam parte daqueles dons, que consistiam em dar assistência ou socorro (12.28).

A liberdade apostólica firmada na autoridade de Cristo expressou-se em ser tudo para com todos. Com os cristãos judeus, em Jerusalém, Paulo viveu como se fosse judeu cristão em favor do Evangelho. Por outro lado, ele trabalhou para que, o que é bom para os cristãos judeus, não fosse imposto aos cristãos de outra origem. E isto nos remete àquela noção da liberdade exposta em 6. 18-19.

Vs. 18-21 - Com lei - aqueles que se sujeitam à tradição judaica e sem lei não significa estar em ilegalidade ou anomia e arbitrariedade, pois vive a Lei de Cristo. Então é uma nova lei? Para Paulo, Cristo nos libertou do domínio do pecado e da morte, assim Ele nos libertou da acusação contra nós. E, também, Cristo derrubou as muralhas de separação, recolocou as fronteiras do sagrado e do profano em termos do amor. Assim, esse Cristo é o caminho e guia da vida. O Testamento hebraico lido, à luz dessa chave da interpretação, no poder do Espírito Santo vem a ser orientação transformadora. Nessa liberdade que Jesus Cristo lhe concede, podemos perceber que o apóstolo ousa dizer que se fez de tudo para todos, visando o envolvimento de todos diferentes. (ST)

### **Santo Evangelho – Marcos 1, 29-39**

O profeta se deve a todas as pessoas, tanto as que já estão conosco (família, Igreja, classe social, pátria...) como as que se acham distantes. Na sociedade de Jesus as mulheres eram marginalizadas. Chegavam a ser consideradas impuras.

Imediatamente após o combate com o "espírito impuro" no espaço oficial do sistema, Jesus dá as costas à Sinagoga e entra na casa. Essa é caracterizada pelo nome dos primeiros discípulos (v16-20). Isso quer dizer que são os discípulos a casa de Jesus. Com eles, os que romperam com o mar, acha-se Jesus em sua intimidade. Para tornarem-se, porém, "casa de Jesus", as casas do povo também têm de ser "purificadas" dos espíritos impuros. Até a febre era atribuída a Satanás, fogo devorador da vida e, como toda doença, sobretudo mental ou psíquica, assimilada a possessão diabólica (Lc 4, 39). Os escribas diziam, por exemplo, que Jesus estava "possesso"; seus parentes

julgavam que estava louco, "fora de si". Para o evangelista, trata-se da mesma "acusação" (Mc 3, 20-30).

Entram na casa. Ora, o eixo da casa é a mulher. A sogra de Simão estava paralizada pelo fogo devorador da febre, "jazia" prostrada, enferma, como se já estivesse morta, como todas as mulheres do povo, feridas pelo estigma da "impureza" (Mc 5, 21-43; 7, 24-30). Jesus é plenamente humano. Precisa ser informado das situações. Aproxima-se, abaixa-se até ela, une Seu corpo potente ao dela, dá-lhe a mão e ajuda-a a levantar-se. Ele e a mulher se unem como um corpo só, ela "ressuscita" para tornar-se discípula e assim integra-se a Sua casa. Assume o jeito característico da "casa": serve a comunidade (Mc 9, 35; 10, 45). O ponto culminante da cena é a casa reunida em torno da mesa comum.

Não devemos esquecer que, antigamente, a casa não era como hoje. Em nossa sociedade, reduz-se a lugar de habitação e de consumo. No tempo de Jesus, ainda era, em boa medida, espaço de produção, onde relações econômicas eram a matriz de relações sociais e de poder. Em redor dela se estendia a roça. Nela se faziam o pão, o queijo, a manteiga, as conservas; fabricavam-se os cintos, os calçados, as cobertas; teciam-se as roupas; montavam-se os móveis; forjavam-se rudimentares instrumentos de trabalho... Era a "indústria" doméstica. Por isso, é muito adequado que se contraponham "casa" e "sinagoga" como símbolos de dois sistemas sócio-culturais opostos.

Abre-se a casa sobre a "cidade" e a "purificação" como que se expande para todo o povo. Esse ainda está dominado pela ideologia do sistema: paralisado pela observância do sábado. Há uma íntima associação entre "enfermidade" e "possessão". E o clima é de forte tensão entre o profeta e os "espíritos impuros". Jesus sempre proíbe que se fale a seu respeito. Os poderes sobrenaturais sabem quem Ele é, mas as pessoas têm de descobri-Lo através de sua nova prática libertadora.

Ao concluir-se o dia de atividade ministerial, Jesus "foge" da multidão para orar em lugar "deserto". O texto enfatiza a fuga (v35). Os discípulos são a figura do tentador. É assim que Simão aparece em outros momentos (Mc 8, 33). A expressão usada tem conotação negativa: "perseguiam-no ansiosamente" (v36). A aclamação da multidão tenta Jesus e Ele necessita de unir-se a Deus para reafirmar o rumo da caminhada, segundo a vocação explicitada no Batismo: semear a Palavra, como o Servo (Is 42, 1-9). O deserto simboliza bem a solidão íntima de Jesus, pois há n'Ele um segredo que só pode ser partilhado com o Pai. Aí está a fonte da incompreensão que enfrenta em toda a Sua vida. (SAGS).